

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS: ANÁLISE DOS NÍVEIS DE ESCRITA

Alexsandra Vieira Cardoso

Graduanda do curso de Letras – IFPB

Email: Morgana.vc1@hotmail.com

Francisca Edneide Cesário de Oliveira

Graduanda do curso de Pedagogia – UFRN

Email: edneideoliv@hotmail.com

Maria Euzileide Diniz

Graduanda do curso de Pedagogia – UFRN

Email: leidinha_diniz@hotmail.com

Sebastiana Adriana Fernandes

Graduanda do curso de Pedagogia – UFRN

Email: adrianadesamvrn@hotmail.com

Francicleide Cesário de Oliveira Fontes

Professora Mestra do Departamento de Educação/DE/CAMEAM/UERN.

Email: fran.cesario@hotmail.com

RESUMO:

O presente trabalho tem o objetivo analisar escritas espontâneas de duas crianças em processo de alfabetização, que expressem os principais níveis de escrita. A metodologia está fundamentada na pesquisa qualitativa com investigação teórico-bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo traz discussões acerca do processo de aquisição da língua escrita dando ênfase as fases da escrita. A pesquisa de campo foi realizada com duas crianças, uma de 05 (cinco) e outra de 06 (seis) anos de idade. A partir da análise dos dados da pesquisa de campo foi possível identificar a importância e o valor de conhecer a realidade vivenciada pelas crianças no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, nas fases de alfabetização. Os resultados mostram que as crianças, em seu processo de aprendizagem da língua escrita, passam por fases diversas desafiadas, e em cada uma delas há conflitos cognitivos e contradições do próprio pensamento ao elaborar suas estratégias de aprendizagem.

Palavras chaves: Processo de Alfabetização. Aprendizagem. Leitura e escrita.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização passou por modificações diversas no decorrer dos anos tanto no que tange às questões teórico-metodológicas, quanto às práticas em sala de aula. Envolve não só a capacidade intelectual, mas também diferentes fatores de ordem social, emocional, físico e psicológico da criança, de forma que a criança possa conviver com textos autênticos, que aconteça uma interação desta na sociedade para que ela se alfabetize, fato este

que requer dos educadores interação com todas as áreas para que o aluno possa desenvolver suas potencialidades na aprendizagem de leitura e escrita.

A relação que acontece entre professor e aluno baseia-se numa interação de responsabilidade, confiança e diálogo, fazendo, de forma responsável, a auto avaliação das suas funções, de forma que a aprendizagem ocorre num processo de mudança de comportamento resultante da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Nesse contexto, o professor é visto como um mediador do processo de ensino-aprendizagem, não apenas um mero transmissor de conhecimentos.

Dessa forma, este trabalho tem o objetivo de realizar coleta de escritas espontâneas de duas crianças em processo de alfabetização, que expressem os principais níveis de escrita de acordo com os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

A metodologia adotada é de cunho qualitativo e possui como percurso teórico-bibliográfico as reflexões de autores como: Ferreiro e Teberosky (1985), Ferreiro (2001; 2007), Oliveira (2012) e Fontes (2013) que trazem reflexões acerca do processo de alfabetização. O segundo momento, trata-se da sistematização e análises das escritas espontâneas das crianças com base nas teorias estudadas.

2 COMPREENENDO O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

O contato das crianças com língua escrita começa desde cedo, pois antes mesmo de chegar à escola, elas vivenciam situações cotidianas que possibilitam a inserção no mundo letrado, já que, para a maioria das crianças, seu contexto familiar e social é repleto de práticas sociais e de usos da leitura e da escrita.

Nesse sentido, a alfabetização de crianças vem sendo um tema de destaque no cenário das pesquisas sobre educação, nas últimas décadas, mais precisamente, tendo início nos anos de 1970, com os estudos desenvolvidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita, e ampliados nas décadas de 1980 e 1990, com a divulgação desse trabalho por toda a América Latina, “[...] cujos objetivos é explicar os processos pelos quais as crianças chegam à aprendizagem da leitura e da escrita, proporcionaram novas maneiras de desenvolver as práticas pedagógicas na alfabetização de crianças. [...]”. (FONTES, 2013, p. 16).

Assim, a publicação de Ferreiro e Teberosky (1999) mostra que a Psicogênese da Língua Escrita é uma abordagem psicológica de como a criança desenvolve o aprendizado do

sistema da língua escrita e não um método de ensino. Por isso, a importância dos professores alfabetizadores conhecerem essas pesquisas para adotar o que tem de positivo nessa abordagem e levar para a sala de aula, transformando os estudos em atividades pedagógicas.

Sendo assim, os estudos já realizados e divulgados na área de alfabetização acerca da Psicogênese da Língua Escrita vêm desenvolvendo o papel de trazer contribuições para romper com as concepções tradicionais de alfabetização, que concebia o alfabetizar como um processo mecânico que se reduzia ao domínio de correspondências grafo-fonêmicas (a decodificação e a codificação), e ao mesmo tempo para possibilitar reflexões aos professores alfabetizadores para que estes passem a perceber a importância da participação da criança no processo de aprendizagem, haja vista que, a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, constrói e reconstrói hipóteses sobre a sua natureza e o funcionamento da língua escrita.

Isso porque, compreendemos que estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações; significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos, tendo em vista que, a alfabetização é um processo de

[...] elaboração e construção de hipóteses sobre a aquisição, a estruturação e funcionamento da língua escrita, já que para ler e escrever, o aluno precisa ser colocado em situações que o desafiem para que esse sinta a necessidade de refletir sobre a língua e, assim, consiga transformar as informações em conhecimentos próprios. Ultrapassando a ideia de o aluno encontrar um conhecimento pronto, dado/transmitido pelo professor, mas de vivenciar um processo de construção. (FONTES; 2013, p. 64)

Dessa forma, o indivíduo alfabetizado é aquele que compreende o sistema alfabético de escrita, tem capacidade de ler e escrever, de forma autônoma, textos de prática social, ou seja, alfabetização é, portanto, a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever. Atualmente esse processo de ensinar/aprender deve ser considerado em uma perspectiva do letramento, já que, desde cedo as crianças entram em contato direto ou indireto com as práticas e usos sociais da leitura e da escrita em seus contextos sócio familiar, por isso, no processo de alfabetização na escola, deve-se privilegiar o alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever, de forma que ensine também o uso e a funcionalidade da leitura e da escrita.

A aprendizagem é um processo ativo que se dá através de uma progressiva construção do conhecimento, na relação da criança com o objeto língua escrita, por meio da interação com o outro e com o meio. E nesse complexo processo, a criança arrisca resolver as questões que esse meio social oferece. Para Ferreiro (2007, p. 22) “O desenvolvimento da alfabetização

ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais não são recebidas passivamente pelas crianças”. Dessa forma, o processo de alfabetização deixa de ser visto de forma mecânica, pois a criança é vista como um sujeito de aprendizagem.

Sendo assim, a alfabetização passa a ser compreendida como um processo complexo e multifacetado, pois, atualmente, não se pode compreender a alfabetização sem levar em consideração os estudos de ciências como a Psicologia, a Psicolinguística, a Linguística e a Sociolinguística. Além disso, não podemos deixar de fora o conceito de letramento, já que nas formas contemporâneas de alfabetizar, é necessário alfabetizar letrando, tendo em vista que as crianças vivem em contato diário com as diversas formas de práticas e usos sociais da leitura e escrita.

Desse modo, de acordo com Soares (2012) o processo de letramento é quando o indivíduo faz uso apropriado da escrita e de suas práticas sociais, assim é o estado ou ação de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Dessa forma, teríamos duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais de uso da escrita e da leitura.

Em uma análise construtiva do processo de aquisição da escrita, Ferreiro e Teberosky (1985) e Ferreiro (2001), observam quatro grandes fases do desenvolvimento da escrita nos indivíduos, classificadas, nesse processo, em fases *pré-silábica*, *silábica*, *silábico-alfabética* e *alfabética*, cada uma, desenvolvida com características peculiares.

A primeira fase, batizada como *pré-silábica*, a criança não traça o papel com a intenção de realizar o registro sonoro do que foi proposto para a escrita, ela começa a diferenciar seu desenho da escrita “A hipótese da correlação entre a escrita e a imagem é um pressuposto inicial e espontâneo da criança. A escrita é percebida como etiqueta do desenho e ‘não dá para ler se não tiver figura’”. (PIMENTEL, 1986, *apud* OLIVEIRA, p. 48, 2012).

Ou seja, são as primeiras representações escritas das crianças, as quais, à medida que vão evoluindo, possibilita a distinção entre desenhar e escrever, bem como progridem quanto aos eixos quantitativos (escrita de palavras diferentes com variedade na quantidade de letras) e qualitativos (escrita com variação do repertório de letras utilizadas de uma escrita para outra, como também a modificação na posição das mesmas letras, sem, no entanto, modificar a quantidade de letras). Sendo assim, do ponto de vista gráfico,

[...] a escrita *pré-silábica*, vai desde as primeiras escritas da criança caracterizadas como rabiscos linhas onduladas, em forma de zigue-zague, linhas contínuas, traços ou bolinhas repetidas, até chegar à escrita da letra convencional sem correspondência sonora. [...]. (FONTES, 2013, p. 67, grifo da autora)

Na fase subsequente, conhecida como *silábica* a criança começa estabelecer relações entre as propriedades sonoras das palavras escritas. o contexto sonoro da linguagem e o contexto gráfico do registro. Como afirma Fontes (2013)

É no período da fase *silábica* que a criança começa a descobrir que cada parte da escrita é representada por uma letra, compreendendo que a quantidade de letras necessárias para a escrita de uma palavra corresponde à quantidade de partes/sílabas que soam emitidas através da fala. Inicialmente, essa correspondência quantitativa não tem correspondência qualitativa, ou seja, as letras que representam as sílabas não necessariamente atribuem o seu valor sonoro. (FONTES, 2013, p.67, grifo da autora)

No início dessa fase, sua estratégia é a de atribuir a cada letra ou marca escrita, o registro de uma sílaba falada, pois começa a perceber que a grafia representa partes sonoras da fala. A fase silábica pode ser caracterizada por representar uma letra para cada sílaba, seja atribuindo valor sonoro convencional a consoante ou vogal da sílaba, ou não, apenas representando uma parte da escrita (uma letra) representa outra parte da escrita (uma sílaba).

Quando a criança tem evoluído nessa fase, quando já atribui valor sonoro convencional seja da vogal ou da consoante, ou alternando entre uma e outra, surgem os conflitos e desequilíbrios nas construções escritas, ao descobrir que uma sílaba não pode ser representada por apenas uma letra. De acordo com Ferreiro (2001), é nessa fase que acontece a desestabilização silábica, visto que a criança descobre novos problemas tanto no que se refere ao eixo quantitativo quanto ao qualitativo, passando por uma fase de transição da fase silábica para a alfabética, vivenciando, assim, a fase *silábico-alfabética*.

Essa fase é, portanto, o período marcado pela “[...] transição entre esquemas prévios em vias de serem abandonados e os esquemas futuros em vias de serem construídos.” (FERREIRO, 2001, p.27). Ou seja, é um período marcado pelo momento em que a criança descobre que a sílaba não é mais considerada como uma unidade, mas pode ser segmentada em unidades menores, onde uma letra não substitui uma sílaba e que também não pode acrescentar letras a estas, porém o fonema não corresponde necessariamente ao grafema correspondente.

Na quarta fase, a *alfabética*, a criança dá início a uma escrita mais regular e regida pelos princípios alfabéticos, além da consciência fonológica, que antes era focada na palavra e mais tarde na sílaba agora se concentra ao nível dos fonemas, se tornando um processo mais analítico e não automático.

Ao avançar no processo de construção da escrita e chegar à fase silábica, a criança já tem vencido muitos obstáculos, porém, não podemos dizer que ela já venceu todas as dificuldades que a língua escrita apresenta, pois “[...] a partir desse momento a criança se defronta com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas na escrita, no sentido estrito.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 213)

É importante frisar que nessas fases, o professor deve ter consciência da necessidade de considerar o erro como parte do processo de aprendizagem, visto que esses demonstram uma construção, e com o tempo vão diminuindo conforme as crianças vão evoluindo nos aspectos qualitativos e quantitativos.

2.1 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DE ESCRITAS ESPONTÂNEAS DAS CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A aprendizagem da língua escrita é um processo complexo, em que a criança passa por diversas fases para a construção e aquisição da escrita. Ao percorrer essas fases, muitos são os conflitos cognitivos e conceituais, as contradições e as hipóteses que a própria criança levanta sobre sua própria escrita. Em outras palavras, “[...] as crianças desenvolvem e usam uma variedade de modos e recursos para interpretar e fazer sentido a escrita [...]”. (SMOLKA, 2000, p. 55). Isso acontece quando é permitido que as crianças participem ativamente do seu processo de aprendizagem, sendo, portanto, sujeito ativo e participativo no processo de construção do conhecimento sobre a escrita.

Sendo a aprendizagem da escrita seja considerada um processo complexo, é natural que em seu percurso, as crianças passem por momentos de dificuldades e desafios até chegar à forma convencional de representação da escrita. Porém, isso não é motivo para não incentivar a criança a escrever. Pelo contrário, é importante, que desde cedo, a criança seja motivada a escrever de forma espontânea, se esforçando, colocando em jogo tudo o que sabe para aprender o que ainda não sabe, arriscando e testando hipóteses, elaborando problemas e enfrentando conflitos e contradições. (FONTES, 2006).

Dessa forma, é necessário que nas práticas pedagógicas de sala de aula sejam destinados momentos em que as crianças tenham o contato direto com a escrita, escrevendo.

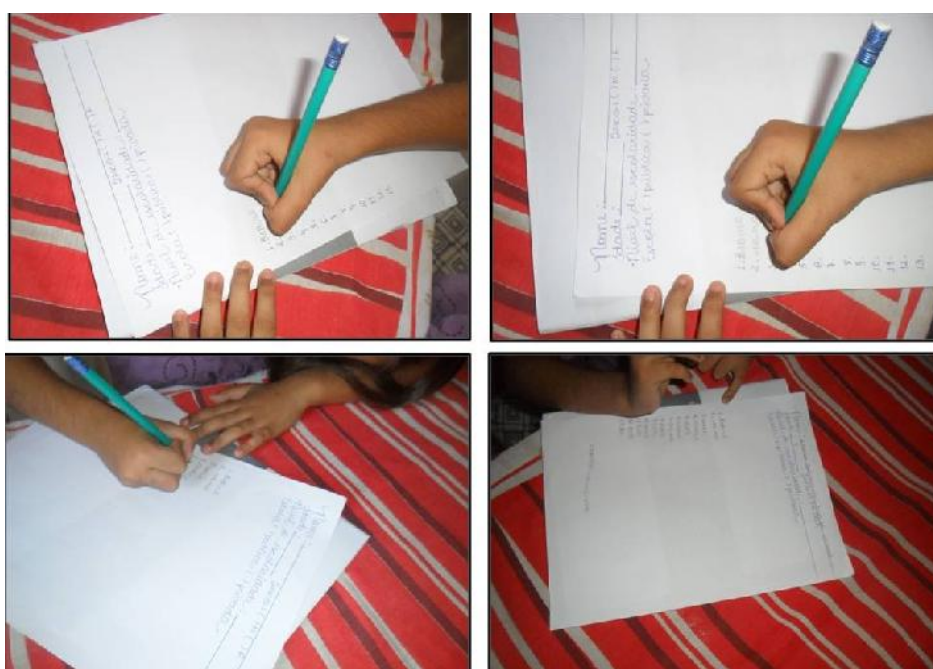
Ou seja, que sejam dadas oportunidades às crianças para escreverem, pois suas escritas espontâneas revelam o que elas sabem sobre a escrita e ajuda o professor a avaliar seu processo de aprendizagem, de modo que identifica as fases do processo de construção da escrita.

Pensando nessa importância de considerar a escrita espontânea da criança como um rico instrumento de sondagem e acompanhamento do processo de aprendizagem da língua escrita, os dados analisados aqui são resultados da realização de uma atividade de coleta de escritas espontâneas, desenvolvida com duas crianças.

Primeiramente, buscamos informações sobre os seguintes dados, idade, sexo, nível de escolaridade e rede de ensino, se é escola pública ou privada. E para listar as palavras foi utilizado nomes de animais com palavras polissílaba, trissílaba, dissílaba, monossílaba, uma frase que envolva uma dessas palavras, e ainda um desenho espontâneo da criança em processo de alfabetização sobre a frase.

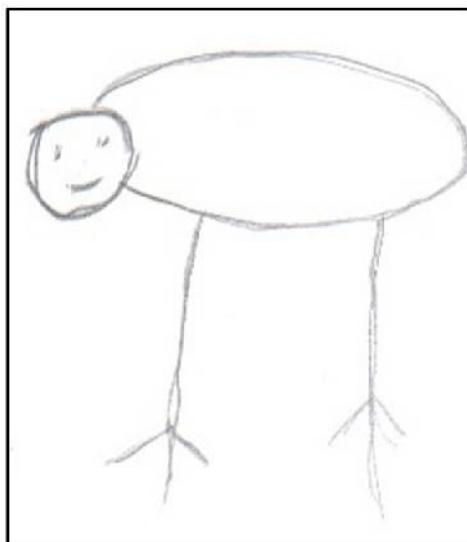
A primeira criança a realizar a tarefa tem 05 anos de idade, sexo feminino, está no nível III- Educação Infantil, estuda na rede pública de ensino. As palavras ditadas a ela foram de uma lista animais, seguidas de uma frase relacionada, também, a animais. Foram ditadas 13 palavras à saber: 1 – borboleta; 2 - macaco; 3 – galinha; 4 – formiga; 5 – elefante; 6- coelho; 7 – girafa; 8 – gato; 9 – lobo; 10 – galo; 11 – sapo; 12 – rato e 13 - rã. E a frase foi a seguinte: “gosto de brincar com meu gato”, conforme ilustra a figura abaixo:

Imagem 01: Escrita espontânea da criança de 05 anos



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras

Imagem 02: Escrita da criança de 05 anos Imagem 03: Desenho espontâneo da criança



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras

Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras

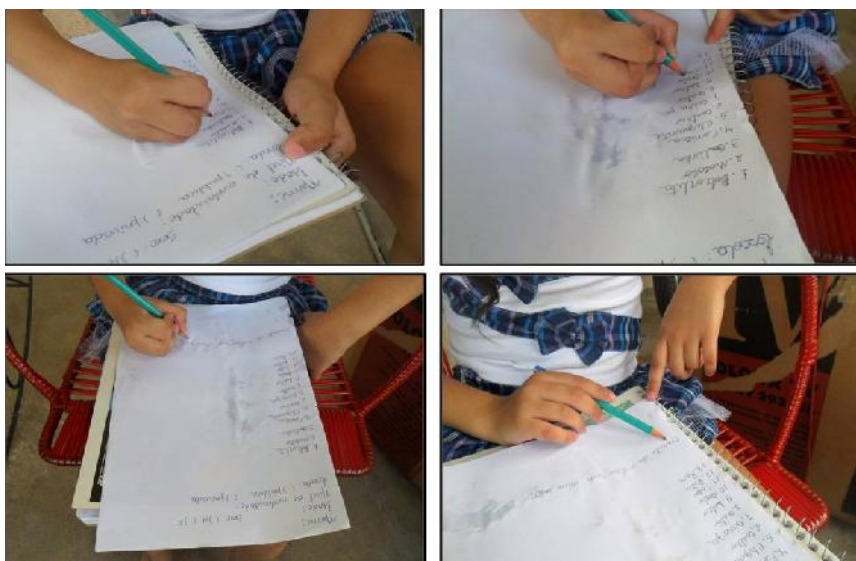
No decorrer da aplicação da atividade e coleta de escrita, percebemos que a criança consegue associar o valor sonoro das vogais e consoantes, ela conhece o som das sílabas, de palavras monossílabas e dissílabas, não conseguindo ler palavras polissílabas e trissílabas. Ela consegue ler sílabas separadas, mas não consegue juntar as sílabas das palavras.

Assim, observamos que esta criança está em fase de transição da fase silábica para o silábico-alfabético, tendo em vista que sua escrita possui característica hora da fase silábica, hora da fase alfabética. Ou seja, encontra-se em uma fase de conflitos cognitivos e contradições mentais e intelectuais, tendo em vista que a criança descobre que apenas uma letra não é mais suficiente para representar uma sílaba, e por isso, é considerado, “[...] o período silábico-alfabético marca a transição entre os esquemas prévios em via de serem abandonados e os esquemas futuros em via de serem construídos.” (FERREIRO, 2001, p.27).

Ao analisarmos a escrita da frase, percebemos que a criança não consegue escrever as palavras separando uma palavra da outra, apenas escreveu a frase com palavras juntas, de forma que, ao propormos a leitura da frase, a criança não conseguiu ler convencionalmente, parando no meio da frase. Ao ser questionada sobre o restante da frase, ela leu novamente toda a frase como se fosse o restante da frase.

A segunda criança a desenvolver a tarefa proposta, a criança tem 06 anos de idade, sexo feminino, também, está no nível III – Educação Infantil e estuda na rede pública de ensino. Assim como para primeira criança, o ditado proposto foi com nomes de animais e também, seguido de uma frase relacionada a animais. Foram 13 palavras: 1 – borboletas; 2 – macaco; 3 – galinha; 4 – formiga; 5 – elefante; 6- coelho; 7 – girafa; 8 – gato; 9 – lobo; 10 – galo; 11 – sapo; 12 – rato e 13- rã. E a frase foi a seguinte: “gosto de brincar com meu gato”

Imagem 03: Escrita espontânea da criança de 06 anos



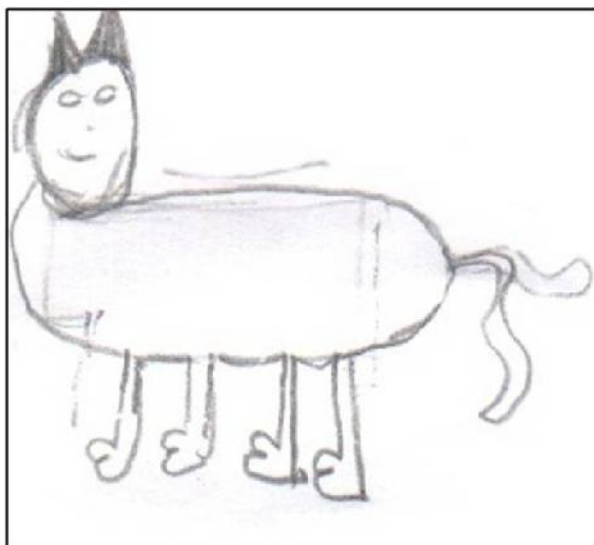
Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras

Imagem 04 - Escrita da criança de 06 anos



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras

Imagem 05: Desenho espontâneo da criança de 06 anos



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras

Com a aplicação da atividade proposta, ficou evidenciado que a referida criança encontra-se na fase alfabética, pois conhece as sílabas e sabe formar palavras, diferenciando todas as palavras da frase. A fase da escrita alfabética, segundo Ferreiro e Teberosky (1985),

Ao chegar neste nível, a criança já franqueou a “barreira do código”; compreendeu cada um dos caracteres da escrita correspondente a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever (FERREIRO; TEBEROSKY 1985, p. 213, grifo da autora)

Isso dignifica dizer que a criança já venceu muitas etapas do processo de aprendizagem da língua escrita, pois passa a entender que “[...] cada letra escrita representa valores sonoros menores que a sílaba e ao escrever, desenvolve uma análise sistemática sobre a sonoridade dos fonemas, passando, pois, a escrever com legibilidade. [...]” (FONTES, 2006, p.30).

Desse modo, a criança, vai ganhando um equilíbrio em seu processo de escrita, no sentido de perceber que existe uma forma padrão de escrever, no entanto, suas dificuldades e dúvidas começam a surgir com relação aos aspectos ortográficos, já diferentes letras podem ser iguais, assim como letras iguais poder ser pronunciadas de maneira diferente. Isto é, a identidade de sons não garante a identidade de letras e vice-versa, como por exemplo: “[...] o bo de boneca (bô) não é o mesmo bo de bode (bó), que o a de arara (á) não é o mesmo a de banana (ã). O r de rato é diferente do r de arara e do r de torrada. [...] a letra x soa diferentemente em lixo, táxi e exame”. (FONTANA; CRUZ, 1985, p. 194).

Assim, fica claro que a cada fase da escrita que a criança vivencia são novos avanços em seu processo de aprendizagem da língua escrita, por isso, é tão importante que se considere a escrita espontânea da criança para perceber os desafios e possibilidades das crianças em cada fase do processo de construção da língua escrita.

CONCLUSÃO

O presente estudo evidenciou a importância de escritas espontâneas de crianças em processo de alfabetização, que expressem os principais níveis de escrita de acordo com os estudos de Ferreiro e Teberosky. A partir da análise dos dados da pesquisa de campo foi possível identificar a importância e o valor de conhecer a realidade vivenciada pelas crianças no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, nas fases de alfabetização

Observamos que a criança com 05 anos de idade apresentou características de escrita em fase de transição da fase silábica para a fase alfabética silábica, visto que, às vezes usa apenas uma letra para notar as sílabas orais das palavras, outras vezes utiliza mais de uma letra, estabelecendo relação entre fonema e grafema. A criança com idade de 06 anos ao desenvolver a atividade proposta, constatamos que ela encontra-se na fase alfabética, pois conhece as sílabas e sabe formar palavras. Diferenciando todas as palavras da frase. A criança escreve com base em uma correspondência entre sons menores que as sílabas (fonemas) e grafemas.

Desse modo, compreendemos que as crianças, em seu processo de aprendizagem da língua escrita, passam por fases diversas desafiadoras, e em cada uma delas há conflitos cognitivos e contradições do próprio pensamento ao elaborar suas estratégias de aprendizagem.

As análises evidenciam, também, o papel do profissional educador, em que necessita-se concomitantemente conciliar o equilíbrio e criatividade no processo de alfabetização, numa perspectiva de que a criança é considerada como um sujeito-aprendiz ativo que evolui em sua aprendizagem.

Por fim, vale destacar que esta experiência de análise das escritas espontâneas das crianças, é um processo de grande relevância tanto para graduandos/professores em formação, como também para professores que atuam na alfabetização de crianças, tendo em vista a necessidade de diagnosticar para conhecer os níveis da escrita das crianças para que a partir do conhecimento do que as crianças sabem, propor atividades que sejam possíveis de serem resolvidas e ao mesmo tempo sejam desafiadoras em seu processo construtivo de aprendizagem da língua escrita. Isso porque, o aluno precisa ser colocado em situações que o desafiem para que esse sinta a necessidade de refletir sobre a língua e, assim, consiga transformar as informações em conhecimentos próprios vivenciando um processo de construção, evolução, transformação dos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira. **Saberes mobilizados na alfabetização de crianças**: percursos de práticas exitosas. Mossoró/RN, 2013. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC, Universidade DO Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró/RN, 2013.

_____. **Análise teórico-metodológica do trabalho com a língua escrita na educação infantil.** 2006. 97 f. Monografia (Especialização em Formação do Educador). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, Pau dos Ferros, 2006.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo.** 18ª ed. São Paulo, Cortez 2007.

_____. **Reflexões sobre alfabetização.** 24ª ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogenese da língua escrita.** 4 edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FONTANA, Rozeli A.; CRUZ, Maria Nazaré da. O desenvolvimento da escrita na criança. In: _____. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1992.

OLIVEIRA, Marília Villela de. Princípios e Métodos de Alfabetização I. Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2012. 65p.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita:** a alfabetização como processo discursivo. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2012